

ME AJUDEM. MAS DO MEU JEITO...

Há muitas pessoas que nos pedem ajuda. Os problemas são diversos e por vezes ficamos perdidos, sem saber exatamente o que e como fazer para ajudar. Os pedidos de ajuda vem das pessoas mais diferentes, com assuntos dos mais complexos ou simples, através de telefone, email, conversa pelos corredores, visita, enfim, os pedidos chegam, alguns em forma de lágrimas e outros através de gritos, e aí temos diante de nós o desafio de sermos sábios para em nome de Jesus ajudarmos pessoas e participarmos da edificação de suas vidas. Oramos, abrimos a bíblia, pensamos. Nos preparamos para ajudar. Só que esbarramos em uma questão tão difícil: nem sempre nossa ajuda corresponde à maneira como a pessoa quer ser ajudada.

Cada um quer ser ajudado de um jeito. Nem sempre do nosso jeito. Por mais que nos esforcemos não conseguiremos ajudar a todos do jeito como eles esperam sem ajudados. No livro “As 5 Linguagens do Amor” de Gary Chapman temos um princípio que também vale na ajuda ao próximo: cada um tem suas preferências no que se refere ao receber. Inclusive receber ajuda. Essas preferências incluem detalhes que nos pegam de surpresa como horários e até o modo de contato. Já conheci pessoas que não aceitam ajuda pessoal, só por email. Outros se julgam preteridos se receberem uma mensagem, e por aí vai.

A arte de ajudar pessoas não é tão simples. Há alguns que em uma única intervenção já se sentem ajudados e promovem uma verdadeira revolução na vida. Outros precisam de várias intervenções. E há ainda os que precisarão constantemente de ajuda. Como saber a necessidade de cada um? Creio que isso só acontecerá com a convivência, com uma observação criteriosa e sobretudo com a direção divina através da oração. Aqui entra também um outro elemento: o amor cristão.

Algumas pessoas são difíceis de ser ajudadas. Mas cabe a nós criarmos estratégias para ajudá-las. Por certo nem sempre acertaremos. Fracassaremos em algumas tentativas. Elas dirão que somos insensíveis ou mesmo que não nos importamos. E é aí que o amor cristão fará a diferença. Amar pessoas é a única ferramenta forte o bastante para nos manter no caminho da ajuda ao próximo. Se buscarmos qualquer outro elemento para isso desistiremos pois nem o dinheiro será forte o bastante para nos manter comprometidos com a ajuda ao próximo. Isso porque esse próximo talvez passe dos limites. Não dos limites dele mas sim dos nossos. As exigências ou críticas dele estão dentro da sua maneira de ver o mundo e da sua necessidade de ser ajudado. Ainda que eles nos machuquem estão dentro de seu universo de necessidade e nós, do lado de fora, precisaremos de muito amor cristão para não nos ofendermos ou não nos entristecermos em demasia. Um texto que sempre me ajuda nisso é Romanos 15:1,2 que diz: “Nós, que somos fortes, devemos suportar as fraquezas dos fracos, e não agradar a nós mesmos. Cada um de nós deve agradar ao seu próximo para o bem dele, a fim de edificá-lo”

A primeira verdade desse texto é que ao ajudar alguém você estará em uma posição de privilégio sobre ele. Você é o ‘forte’ da história. Então cabe a você sofrer mais nesse processo, afinal, você tem forças para isso. O fraco é que deverá ser considerado ainda que

isso seja muito difícil diante de críticas, reclamações, desespero e dor. Quem quer ajudar o outro precisa considerar o 'jeito' do outro e não o seu próprio.

A segunda verdade a ser aprendida é que o final de todo o processo de ajuda é a edificação. Se não houver esse propósito então todo o processo será perdido. Não ajudamos por pena, mas sim pelo compromisso da edificação. Abrimos mão de nossa agenda ou até mesmo de nossa maneira de ver as coisas por causa da edificação. Por quererem ver uma pessoa edificada em Cristo nos submetemos ao jeito dela a fim de conseguir algum resultado positivo. Fazemos como o apóstolo Paulo em 1 Coríntios 9:22 – “Para com os fracos tornei-me fraco, para ganhar os fracos. Tornei-me tudo para com todos, para de alguma forma salvar alguns.”

Ajudar é um processo que exige o amor cristão. E a partir dele nossa disposição como parte mais forte para interagir no mundo daquele que precisa ser ajudado. Eu tenho boas e más experiências sobre isso. As más é melhor esquecer. Mas as boas vale a pena lembrar. Em um dos casos, após um longo e difícil processo de ajuda ouvi um pedido convicto de perdão e reconhecimento de que em alguns momentos a pessoa passara dos limites e exigira algumas coisas, em nome da ajuda, que na verdade foram apenas despejos emocionais de tristeza, descontentamento e mágoa. Ao ouvir tais palavras me alegrei por saber que o final do processo havia sido atingido: houve edificação.

Pessoas querem ser ajudadas. Do jeito delas. Iniciemos o processo assim e caminhemos debaixo da orientação de Deus para no final de tudo vermos que houve mudança de vida, fortalecimento espiritual e sobretudo edificação.

Guilherme de Amorim Ávilla Gimenez

Pastor Titular da Igreja Batista Betel

Setembro de 2009